

SALA DE AULA VIRTUAL: lugar de encontro, produção de saberes e desenvolvimento de competências

Lucicleide Araújo (SEEDF/UCB – lucicleide.ead@gmail.com)

Carla Cristie França (UCB – carlacristie@gmail.com)

Grupo Temático 6. Educação e tecnologias: formação e atuação de educadores profissionais

Subgrupo 6.1. Conhecimentos e práticas: aprendizagem da docência e desenvolvimento profissional

Resumo:

Este artigo reflete sobre o espaço da sala de aula virtual como lugar propício para a produção de saberes e desenvolvimento de competências relacionadas ao saber (conhecimentos), saber fazer (habilidades) e saber ser (atitudes). Apresenta os ambientes virtuais como lugares privilegiados para o exercício de relações “dialogicas” e acesso à informações, troca de experiências, feedbacks do professor mediador, tendo como proposta possibilitar caminhos favoráveis a produção de saberes e o desenvolvimento de competências mediante as múltiplas multirreferencialidades presentes no cotidiano escolar. Estimula educadores na criação de espaços circulares, recursivos, de análise e de síntese, possibilitando o movimento de (des)construção e reconstrução, a fim de produzir saberes mediante atividades desafiadoras, que impulsionem os alunos a serem sujeitos ativos em busca de soluções para os problemas que emergem no decurso do processo de toda essa complexa tessitura constituída no espaço da virtualidade.

Palavras-chave: Sala de aula virtual. Saberes. Competências.

Abstract:

This article reflects on the space of the virtual classroom as a place conducive to the production of knowledge and development of skills related to knowledge (knowledge), skills (skills) and know how to be (attitudes). Presents virtual environments as key to the exercise of "dialogic" relations and information access locations, exchange of experiences, the facilitator feedback, with the proposed permit favorable paths to knowledge production and development of skills through multiple multirreferencialidades in the everyday school. Encourages educators in creating circular, recursive spaces, analysis and synthesis, allowing the movement of (de) construction and reconstruction, in order to produce knowledge through challenging activities that encourage students to be active citizens in seeking solutions to the problems that emerge in the course of all this complex organization existed in the process space of virtuality.

Keywords: Virtual Classroom. Knowledge. Skills.

1

1. Introdução

Os espaços das salas de aula virtuais estão presentes no cotidiano e podem possibilitar profundas transformações na maneira de aprender e de compreender o mundo. Para tanto, tais ambientes precisam ser pensados e constituídos como espaços propícios para o exercício da práxis pedagógica com liberdade e de forma que os sujeitos envolvidos

possam expressar-se por meio das emoções, dos sentimentos e pensamentos as próprias experiências e aprendizagens, tendo em vista, a busca por uma produção de conhecimento com sentido tanto por parte do ensinante quanto por parte do aprendente. Uma troca energética de saberes por meio das múltiplas multirreferencialidades presentes nestes contextos.

Os ambientes virtuais são lugares privilegiados para o exercício de relações “dialogicas” abertas e plurais para acesso à informações, troca de experiências e *feedbacks* (PALOFF&PRATT, 2004) do professor mediador em relação às atividades propostas. Haja vista estes serem caminhos que podem permitir aos alunos estabelecerem as pontes necessárias entre os saberes que já conhecem, com os ainda considerados necessários e importantes a serem apreendidos.

A permanente necessidade de compreender o mundo, requisita habilidades que devem estar centradas em: aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver com o outro de forma cooperativa (DELORS, 2014). Neste sentido, Libâneo (2002, p. 110) evidencia que “numa sociedade repleta das novas tecnologias da comunicação e da informação, nenhum educador hoje pode ignorar a presença das mídias, seu papel, sua utilização em sala de aula”. Desta forma, faz-se necessário estimular a criação de espaços circulares e recursivos, de processos de análise e de síntese, para se voltar a uma nova análise e possibilitar o constante movimento de construção, (des)construção e reconstrução numa linha de tempo considerada entre o passado e o futuro, no tempo presente, para a produção de saberes por parte dos estudantes. E isto requer atividades desafiadoras, que impulsionem os alunos a serem sujeitos ativos, a agirem em busca de soluções para os problemas que emergem no decurso do processo de toda essa complexa tessitura.

Para que haja essa sinergia e encontro entre os saberes já incorporados pelos estudantes com os colocados a serviço dos estudantes, faz-se necessário que os ambientes de aprendizagem sejam permeados por encanto, poder e magia, por fascinação e inventividade. Lugar de entusiasmo e de alegria, a fim de que os processos de aprender aconteçam a partir da integração de todos os sentidos, gestos, na convivência com o outro. Visto que, o processo de saber, saber fazer e ser são processos *autopoieticos* (MATURANA&VARELA, 2001) que envolvem a totalidade humana, toda a corporeidade.

Sendo assim, os ambientes de aprendizagem devem primar pela constituição de um corpo dinâmico que precisa estar em constante aprendizado e movimento, pois todo processo de construção do conhecimento, para Assmann (1998), tem uma inscrição corporal. Permitir que a aprendizagem venha acompanhada de sensação de prazer, não é, de modo algum, segundo esse autor, aspecto secundário. Ambientes de aprendizagem mais cooperativos, solidários e abertos, são horizontes a serem vislumbrados para uma conspiração em favor da inteireza humana e garantia ao educando de abertura a um aprender contínuo e de modo saudável, com vistas a assegurar melhor qualidade de vida.

Além disso, é preciso primar, sobretudo, pela importância dos *feedbacks* para que os alunos possam avançar em termos de conhecimento. *Feedbacks* compreendidos como apontamentos que possam promover aos alunos deslocamentos quanto ao nível de conhecimento, transpondo-se de um estado de conhecimento para outro. Funcionaria neste sentido como um termômetro tanto para o educador, que atento ao que emerge nestes espaços estaria buscando outras novas formas de potencializar situações que levem o aluno a aprender, bem como para o aluno que estaria se auto avaliando o tempo todo durante o seu processo construtivo de conhecimento.

Apontando-se para este sentido, compreendemos os espaços das salas de aula virtuais como verdadeiros rizomas, que se abrem para novas oportunidades de ensino e aprendizagem com mais sentido e significados, bem como para possibilitar a educadores e educandos sentirem-se à vontade, livres, seguros e confiantes para participarem de momentos educativos que os possam levar a experimentarem experiências ótimas de conhecimento e vida, de produções de saberes, com competência. Competência esta, traduzida segundo estudos de Behar, Ribeiro, Schneider et al. (2013), como ações eficazes compostas por Conhecimentos (saber), Habilidades (saber fazer) e Atitudes (saber ser).

Visto que o desenvolvimento destas competências possibilitam a formação integral do indivíduo que se constitui pelo sujeito epistêmico (aquele que compreende o real, onde concentra-se a responsabilidade pela construção do conhecimento) e o sujeito psicológico (aquele que leva em conta a particularidade, a subjetividade humana) como assegurado por Piaget (1995). Entrelaçamento este que possibilita a construção de uma teia de significados, mobilizando múltiplos recursos, entre os quais os conhecimentos para responder às diferentes demandas colocadas durante o exercício da competência do saber nos espaços virtuais destinados a aprender a aprender como encontramos em Perrenoud (2002). Significa propiciar as melhores condições para o desenvolvimento da capacidade dos estudantes para identificar e resolver os desafios inerentes à vida prática e profissional, de modo a pôr em uso o conhecimento apreendido em consonância com os recursos disponíveis nos ambientes das salas de aula virtuais.

1.1 Competência do saber (conhecimentos)

A organização dos espaços destas salas de aula virtuais para a produção de saberes pode se apoiar em uma diversidade de recursos tecnológicos hoje disponíveis, em consonância com estratégias didático-transdisciplinares propostas por ARAÚJO (2014). A escolha pelas melhores estratégias para a inserção dos alunos em um contexto educativo desafiador e com possibilidades para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes requer pensá-las sob a égide de um referencial teórico-metodológico, pois este cuidado e rigor possibilita a criação de espaços formativos, de pesquisa, inovação e imaginação, permitindo uma mudança paradigmática pela passagem do ensinar ao aprender (IBERNÓN, 2010).

Esta ruptura requer planejamento, criação de sequências de atividades que possibilitem aos aprendizes sentirem-se mais acolhidos e confortavelmente integrados ao meio, para uma possível construção e reconstrução do saber e o despertar do sujeito para o aprender, pelo aprender fazendo, e assim ele possa ser.

Quanto mais dinâmicos e multirreferenciais forem os processos dialógicos ocorrentes nos fóruns de discussão presentes nos espaços das salas de aula virtuais, mediante trocas subjetivas e intersubjetivas, mais serão as possibilidades para o desenvolvimento da competência do saber por parte dos estudantes.

Quanto mais os estudantes forem estimulados para a busca do conhecimento, por meio de orientações quanto ao acesso às informações necessárias, mais autonomia estará sendo desenvolvidas e mais serão as possibilidades para o deslocamento de olhares e conceitos em relação aos conhecimentos produzidos. Quanto mais acesso às diversificadas tecnologias para a construção de conhecimento, usando-as de modo criativo por docentes e discentes, mais serão as possibilidades de se contribuir para com a ruptura da indiferença e alienação que frequentemente encontram-se presente no anfêmero educacional.

É possível cultivar o interesse dos discentes, utilizando-se das mais diferentes tecnologias em rede propiciadas nas salas de aula virtuais, como por exemplo e ênfase deste artigo, os fóruns coletivos, pois estes são alguns dos espaços interativos pelos quais espera-se que os estudantes possam aprender a aprender, a exercer a criticidade, a reflexão e a autonomia, quesitos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem propostos na atual sociedade contemporânea, que se utiliza dos mais variados artefatos em rede, possibilitando ao sujeito avançar na elaboração do próprio conhecimento, e de novas concepções e conceitos.

A competência do saber, traduzida em conhecimentos explica e as habilidades que dizem respeito a competência do saber fazer, muda o ser que mudará o mundo.

1.2 Competência do saber fazer (habilidades)

Vigotsky (1984) e Davíдов (1987) destacam que “a aprendizagem resulta da interação entre processos externos (intermentais) e internos (intramentais), com a interiorização de signos culturais sua conversão em ações mentais, gerando uma disposição auto-reguladora às ações e ao comportamento dos indivíduos” (LIBÂNEO, 2002, p. 70). Esta comunicação interativa garante a iniciativa dialógica, associada a emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na cocriação da comunicação e a intervenção do receptor/usuário no conteúdo da mensagem utilizada contribuindo com o processo de autonomia e emancipação do sujeito.

Porém, o importante não é aprender, mas adquirir as habilidades necessárias para colocar em prática o apreendido, quer seja na vida prática, quer seja na vida profissional, no momento em que o “problema importante” (MORIN, 2007) for instaurado.

Daí a importância de saber coordenar sinergicamente conhecimentos, habilidades e atitudes. Visto que, a produção de saberes requer do sujeito/aprendiz ser competente para saber solucionar problemas, aprender autonomamente, e ao longo de toda a vida, questionando o próprio conhecimento, no sentido de organizar e reorganizar constantemente o pensamento, pelo repensar sobre o próprio pensar.

Neste movimento, o saber fazer exige por parte dos educadores repensar dinâmicas mais próximas da realidade, tendo em vista possibilitar aos estudantes experimentarem o conhecimento na prática, pela construção coletiva e troca de experiências entre os mais diferentes olhares sobre o problema em questão, a situação desafiadora, o conhecimento em construção. Isto propicia aos sujeitos/aprendizes refletirem, para em seguida poderem agir com base nos conhecimentos ora organizados com vistas a superar o problema emergente com as habilidades exigidas e atingir a competência do fazer, pelo entrelaçamento entre conhecimento e vida, presentes no ser que protagoniza a partir da própria experiência.

1.2 Competência do saber ser (atitudes)

A competência do saber ser só se constrói a partir das relações dialógicas entre os sujeitos, durante a dinâmica da construção e produção dos saberes na interação com o outro. De organização e de desorganização do pensamento. De ordem e desordem. Movimento este decorrente das relações entre o conhecendo e o conhecido (MORIN, 2007). Entre o visível e o que ainda estará por ser revelado. Um processo em que ao apreender o conhecimento por meio de posturas reflexivas sobre o olhar do outro, o sujeito estaria mais

pronto para ser, ou seja, ter atitudes para atuar sobre a realidade no sentido de transformá-la e ao mesmo tempo ser transformado.

A competência do ser articula essas duas competências anteriores (a do saber e a do saber fazer), visto que, quanto mais apreende-se conhecimentos mais são as possibilidades para o desenvolvimento humano. Neste sentido, concordamos com Vygotsky (2008) ao considerar a importância dos processos mediadores, da presença do outro, do educador para mediar, potencializar e ativar processos neurocerebrais que levem os estudantes a serem, a atuarem, a terem atitude para irem em busca dos próprios processos construtivos de conhecimentos e saberes que os permitam avançar para outros níveis de conhecimento e percepção da realidade. Tudo isso, na interação, pois é nessa dimensão assegurada por esse autor, que o sujeito pode criar, imaginar, analisar, sintetizar, encontrar as próprias formas de aprender a estar sempre aprendendo, a integrar e desenvolver as três competências anteriormente citadas, que os levarão a produzirem conhecimento com autoria e autonomia. É nesta zona de desenvolvimento proximal, entre o conhecer, fazer e ser, o espaço a ser tocado, a ser intensificado e potencializado a fim de que pensamento, linguagem e ação sirvam como elementos impulsionadores para os estudantes se desenvolverem, sob a mediação do educador que estando a frente, cria e recria situações favoráveis que os permitam ascenderem para outros níveis de percepção e realidade.

Nos espaços virtuais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, muitas são as oportunidades para se preencher esta “zona de desenvolvimento proximal” (VIGOTSKI, 2008) aparentemente vazia, mas completamente cheia e que muito podem possibilitar aos educadores redimensionarem práticas, pensarem estratégias que possam potencializar a aprendizagem dos seus estudantes por meio de processos dialógicos. Para tanto, é importante abertura e sensibilidade por parte dos educadores no intuito de se perceber os momentos oportunos, que permitam levar os estudantes a se encontrarem com as suas culturas singulares, aproximando-os e primando-os para o que tem sede de aprender e de se desenvolver, sem sufocar o seu gênio criador e, assim, possa atingir objetivos tanto individuais, bem como coletivos. Sabe-se do desafio para se trabalhar estas competências em salas de aula virtuais, mas quando perseguida, o retorno é o do ressurgimento de um novo ser: o sujeito transdisciplinar.

5

2. Considerações Finais

Através do exercício destas três competências no âmbito das salas de aula virtuais é preciso entender que muitos são os caminhos, muitas são as possibilidades para práticas educativas mais dinâmicas e envolventes, que tenham como foco principal a aprendizagem do aluno.

Quando professores planejam situações de aprendizagem que possibilitam aos alunos saírem da condição de passividade para uma atuação mais ativa, para além da sala de aula, buscando desenvolver as melhores condições para a construção de conhecimentos a partir do sujeito, na interação com o outro, valorizando a autonomia e criatividade, senso crítico, permitindo aos mesmos estarem à frente do próprio processo, expressarem-se, a tomarem decisões com responsabilidade, possivelmente estarão contribuindo para a ocorrência de transformação nos modos de pensar, sentir e agir de seus alunos. Quanto mais forem desenvolvidos e potencializados processos de aprendizagem, mas serão as possibilidades para o desenvolvimento psico-sócio-cultural dos estudantes.

No entanto, é preciso que educadores compreendam que não dar mais simplesmente “ensinar”. Com o avanço das tecnologias, as aulas cada vez mais precisam chamar a atenção do aluno, precisam ser cada vez mais envolventes, para que os alunos vivam o processo do aprender a saber, a fazer e a ser com intensidade. Essa compreensão só será percebida e bem compreendida se a eles também forem garantidas outras formas de ensinar e aprender para além de processos puramente cognitivos, mas voltados também para processos intuitivos, vivenciais, poéticos, filosóficos e espirituais.

Uma mudança paradigmática é urgente e mais urgente ainda é construir inovadores caminhos que permitam à educação sua mutação, transformação, a começar pelo próprio olhar do educador diante de sua prática pedagógica, mediante constante auto-reflexão sobre o próprio fazer pedagógico, primando-se por um fazer que potencializa o aprender em função de mudanças estruturais no ser para um novo recomeço pelo saber e assim sucessivamente.

Uma mudança de postura requer busca contínua por aprofundamento teórico do educador em relação à própria prática para que ao propor as mudanças necessárias, estas possam ser sentidas por meio das ações refletidas. Um processo retroativo que é ao mesmo tempo circular e recursivo, apontando-se sempre para um sentido, uma direção, um novo caminhar.

É preciso se pensar e investir em uma educação que forme pessoas capazes de buscar soluções criativas, com autonomia intelectual e que tenham paixão pela pesquisa, pela busca do conhecimento, que se sintam envolvidos e comprometidos com os destinos da sociedade. Pessoas mais ousadas e acima de tudo corajosas, para lidar com as incertezas do mundo contemporâneo; pessoas capazes de criar novas perspectivas de caminhos, alicerçadas por estratégias didático-transdisciplinares, pois estas aproximam-se das exigências da sociedade do conhecimento, com vistas à superação do ensino centrado em caminhos já conhecidos e percorridos para a construção por caminhos que se fazem a medida em que os sujeitos dão os próprios passos. Uma busca de mudança paradigmática é o que tentamos propor aqui através deste artigo como ponto para o início de uma longa caminhada de construção e reconstrução evolutiva em relação aos processos de aprendizagem para a promoção de um aprendizado com sentido para a vida, perpassada pela tríade constitutiva entre o saber, o saber fazer e o saber ser. Apesar de terem sido apresentadas estas competências em separado, elas se integram e permitem ligações no sentido de estabelecer o seu dinamismo construtivo que possibilita ao sujeitos da práxis saberem conhecer, saberem fazer para em seguida intervirem, com consciência do ser.

Essa nova forma de compreensão dos espaços destinados aos processos de aprendizagem como ambientes propícios à construção de conhecimentos com mais sentido, pressupõe, a necessidade do educador pensar em situações de aprendizagem para além da visão antagônica, e mais voltados para um pensar complexo, a fim de que o educador, ao planejar procedimentos didáticos em parceria com seus estudantes, possa permitir um leque de possibilidades de rotas a serem trilhadas pelos aprendizes, a partir de suas próprias escolhas, com liberdade, concomitante com os saberes da disciplina.

Além do mais, que essas rotas levem os estudantes à apropriação do conhecimento já construído ao longo do processo histórico-sócio-cultural da humanidade, com vistas, a transformar as informações obtidas em conhecimentos com sentido para sua vida, articulados com seus interesses, anseios e necessidades.

Também que essas rotas ao serem construídas, sejam permeadas por desafios que possibilitem aos educandos superarem dificuldades, obstáculos, ora apoiados pelo grupo,

ora em si mesmo, chegando o mais próximo possível de seus interesses, necessidades e sonhos. Também, a experimentarem a transcendência, que consiste, segundo D'Ambrósio (2009) e Demo (2009), na capacidade do ser humano, de explicar, entender, criar e, sobretudo, de reconstruir.

O importante é que educadores sejam capazes de pensar e repensar os espaços educacionais virtuais como lugares para a promoção de processos de aprendizagem mais emancipatórios, criativos e voltados, principalmente, para o despertar da dignidade do ser humano como sujeitos de seu próprio futuro. Além disso, de criar espaços que se destinem à formação de sujeitos autônomos e seguros, que saibam para onde pretendem ir e que caminhos pretendem tomar, sujeitos capazes de enfrentarem as certezas e incertezas da vida, a partir de soluções criativas para os problemas que emergem cotidianamente nos ambientes de aprendizagem virtuais, bem como presenciais.

Os momentos de construção do saber, tanto individual quanto coletivo, necessitam permitir aos educandos sentirem-se sujeitos ativos de seu próprio processo de construção do conhecimento para experimentarem e degustarem o “sabor do saber” sem restrições e reservas. Além disso, que educadores e educandos possam reconectarem-se, a fim de que, contribuam para avanços nos processos de construção e reconstrução do conhecimento, potencializando-se cada vez mais os espaços propícios para a aprendizagem e, assim, juntos consigam reconstruir uma educação mais humana e solidária, com esperança que a educação possa trazer respostas mais positivas para o futuro das novas gerações.

Por isso, os espaços das salas de aula virtuais necessitam se constituir como verdadeiros rizomas, abertos, a fim de que educadores e educandos sintam-se à vontade, livres, seguros e confiantes para participarem de momentos que os possam levar a experimentarem verdadeiras experiências de aprendizagem e vida, constituídos em ambientes autopoieticos de ensino e de aprendizagem, sob a égide de um método e tendo o educador como mediador de todo esse complexo processo a partir dos constantes feedbacks durante os processos de conhecer, fazer e ser. Tudo isso construído na convivência harmoniosa, intelectual e emocionalmente saudável em salas de aula virtual, pois são lugares propícios para encontro, produção de saberes e desenvolvimento de competências.

Referências

ARAÚJO, Lucicleide. **Estratégias didático-transdisciplinares: a prática e a teorização**. Curitiba, PA: Appris, 2014. No prelo.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BEHAR, Patricia Alejandra (Org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2 ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

DAVÍDOV, V. V. Análisis de los principios didácticos de la escuela tradicional y posibles principios de enseñanza en el futuro próximo. In: SHUARE, M. (Org.). **La Psicología evolutiva y pedagógica en la URSS**: antología. Moscou: Progreso, 1987. p. 143-142.

DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Disponível em: <
<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf> >. Acesso em: 23 mar. 2014.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual**: um guia para trabalhar com estudantes online. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PERRENOUD, Philippe et al. **As Competências para Ensinar no Século XXI: A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIAJET, Jean. **Abstração reflexionante**: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VIGOTSKI, Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
_____. **A formação social da mente**: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.